

## Um

Era uma vez um homem chamado Albinus que vivia em Berlim, na Alemanha. Era rico, respeitável, feliz; certo dia abandonou a mulher por causa de uma amante jovem; amava; não era amado; e a sua vida acabou em desastre.

Isto é a história toda e podíamos tê-la deixado por aqui se não fosse o proveito e o prazer no contar; e embora haja numa pedra tumular espaço de sobra para conter, encadernada em musgo, a versão resumida da vida de um homem, os pormenores são sempre bem-vindos.

Ora sucedeu que certa noite Albinus teve uma bela ideia. Na verdade, não foi exactamente sua, porque sugerida por uma frase de Conrad (não o famoso polaco, mas Udo Conrad, o que escreveu as *Memórias de Um Homem Esquecido* e essa outra coisa sobre um velho prestidigitador que operou o seu desaparecimento na actuação de despedida). Seja como for, Albinus fê-la sua por gostar dela, por brincar com ela, por deixar que o invadisse, o que equivale a adquirir propriedade legal na república livre do espírito. Na sua qualidade de crítico de arte e especialista de pintura, muitas vezes se divertia pondo este ou aquele Velho Mestre a assinar paisagens e rostos com que ele, Albinus, se cruzava na vida real: com isso a sua existência transformava-se numa boa galeria de pintura — tudo deliciosos falsos. Certa noite, porém, quando dava folga à sua mente culta escrevendo um pequeno texto (nada de muito brilhante, não era particularmente dotado) sobre a arte do cinema, ocorreu-lhe a bela ideia.

Tinha que ver com desenhos animados coloridos — que nessa época começavam precisamente a aparecer. Como seria fascinante,

pensou ele, poder-se utilizar esse método para reproduzir perfeitamente no ecrã, em cores vivas, algum quadro famoso, de preferência da escola holandesa, e depois dar-lhe vida — movimento e gesto graficamente reproduzidos em completa harmonia com o carácter estático que tinham no quadro; por exemplo, uma taberna com pequenos personagens regalados a beber, sentados a mesas de madeira, com o luminoso vislumbre de um pátio com cavalos selados — tudo se tornaria repentinamente vivo, com o homenzinho de vermelho a pousar a caneca, a rapariga com a bandeja a libertar-se de quem a agarrava e uma galinha que começava a debicar na soleira. Podia ter uma continuação, trazendo as pequenas figuras para fora e passando depois à paisagem do mesmo pintor, talvez com um céu castanho e um canal gelado e gente com aqueles patins esquisitos que então se usavam, deslizando segundo as curvas antiquadas que o quadro sugeria; ou uma estrada molhada na bruma e um par de cavaleiros — regressando-se por fim à mesma taberna, trazendo pouco a pouco as figuras e a luz pela mesmíssima ordem, instalando-as, por assim dizer, para tudo acabar com a primeira imagem. Também se podia tentar com os italianos: o cone azul de uma colina ao longe, um caminho branco sinuoso, pequenos peregrinos subindo as curvas do caminho. E talvez mesmo temas religiosos, mas só os de figuras pequeninas. E o desenhador teria de possuir não apenas um completo conhecimento do pintor em questão e do seu período, como também ser dotado de talento suficiente para evitar o choque entre os movimentos conseguidos e os que o Velho Mestre fixara: teria de os tirar do quadro — oh, podia-se fazer. E as cores... de certeza teriam de ser muito mais requintadas do que as dos desenhos animados. Que boa história se poderia contar, a história da visão de um artista, a jornada feliz do olhar e do pincel, um mundo em que o jeito do artista se fundisse com os matizes por ele encontrados!

Passado algum tempo, sucedeu-lhe falar do assunto a um produtor de cinema, mas este não mostrou o mínimo entusiasmo: disse que a coisa iria requerer um apuramento de trabalho que implicaria novos aperfeiçoamentos do método de animação e custaria um ror de dinheiro; disse que um filme assim, devido à sua laboriosa feitura, não poderia naturalmente durar mais do que alguns minutos; e que mes-

mo assim iria aborrecer de morte a maior parte das pessoas e desiludir toda a gente.

Albinus discutiu-a depois com outro homem de cinema, que também desdenhou daquilo tudo.

— Podíamos começar por uma coisa muito simples — disse Albinus. — Dar vida a um vitral, heráldica animada, um santinho ou outro.

— Não me parece coisa que preste — disse o outro. — Não nos podemos arriscar a extravagâncias.

Mas Albinus continuou agarrado à sua ideia. Alguém lhe falou num tipo esperto, Axel Rex, que tinha uma mão maravilhosa para a pincelada: na verdade, tinha desenhado um conto de fadas persa que deliciara os intelectuais de Paris e arruinara o financiador do empreendimento. Albinus tentou portanto avistar-se com ele, mas ficou a saber que tinha acabado de regressar aos States, onde desenhava *cartoons* para um jornal ilustrado. Ao fim de algum tempo, Albinus conseguiu entrar em contacto com ele e Rex pareceu interessado.

Certo dia de Março, recebeu dele uma longa carta, mas a chegada desta coincidiu com uma crise súbita na vida privada — privadíssima — de Albinus, e assim a bela ideia, que de outro modo se teria aguentado e talvez arranjado um muro a que se agarrar e onde florir, murchou estranhamente e acabou por secar no espaço de uma semana.

Rex escrevia que era escusado continuar a tentar seduzir os homens de Hollywood e prosseguia friamente sugerindo que Albinus, como era pessoa de meios, financiasse ele próprio a ideia; e nesse caso Rex aceitaria determinados honorários (uma soma espantosa), sendo metade paga adiantadamente, por desenhar, digamos, um filme de Brueghel — *Os Provérbios*, por exemplo, ou qualquer outra coisa que Albinus escolhesse para ele lhe dar movimento.

— Se eu fosse a ti — observou o cunhado de Albinus, Paul, homem robusto e de bom feitio, os ganchos de *dois* lápis e de *duas* canetas a sair do bolso do peito —, arriscava. Os filmes vulgares custam mais. Refiro-me àqueles com guerras e prédios a cair.

— Oh, mas aí recupera-se tudo, e no meu não.

— Se bem me lembro — disse Paul, puxando o seu charuto (estavam a acabar de jantar) —, propuseste sacrificar uma soma considerável, só um pouco menos do que os honorários que ele pede. Ora,

qual é o problema? Não pareces tão entusiasmado como há algum tempo. Não estás para desistir, pois não?

— Bom, não sei. O que me preocupa é mais o lado prático; à parte isso, continuo a gostar da minha ideia.

— Que ideia? — perguntou Elisabeth.

Era uma mania que ela tinha, fazer perguntas sobre coisas já exaustivamente discutidas na sua presença. Mero nervosismo da sua parte, não espírito obtuso ou falta de atenção; e quase sempre, enquanto estava ainda a fazer a pergunta, a ir irresistivelmente pela frase adiante, ela própria percebia que já sabia a resposta. O marido estava a par deste pequeno hábito que nunca o aborrecia; pelo contrário, comovia-o e divertia-o. Prosseguia calmamente a conversa, sabendo perfeitamente (contando até com isso) que ela acabaria por fornecer a resposta à sua própria pergunta. Mas nesse particular dia de Março, Albinus encontrava-se em tal estado de irritação, de confusão, de infelicidade, que de repente os seus nervos cederam.

— Chegaste da lua ou quê? — perguntou com rudeza, e a sua mulher fitou as unhas e disse em tom brando:

— Ah, sim, já me lembro.

Depois, voltando-se para a filha, Irma, de oito anos, que estava a sujar-se toda devorando um prato cheio de creme de chocolate, exclamou:

— Tão depressa não, querida, por favor, tão depressa não.

— Eu acho — começou Paul, fumando o seu charuto — que qualquer invento novo...

Albinus, percorrido por estranhas emoções, pensou: — Que diabo tenho eu que ver com esse tal Rex, com esta conversa idiota, com este creme de chocolate? Estou a ficar maluco e ninguém sabe. E não consigo parar, nem vale a pena tentar, e amanhã vou outra vez para lá e sento-me ali às escuras, como um tolo... Incrível.

Claro que era incrível — tanto mais que durante os seus nove anos de vida de casado tinha sempre cedido, e nunca, nunca...

— Na realidade — pensou —, devia contar à Elisabeth; ou ir embora com ela durante algum tempo; ou ir a um psicanalista; ou então...

Não, não se pode pegar numa pistola e dar um tiro numa rapariga que nem sequer se conhece, só porque ela nos atrai.

## Dois

Albinus nunca tinha tido muita sorte em questões do coração. Embora tivesse boa figura, do tipo bem-nascido, o facto é que não conseguia tirar, na prática, qualquer benefício da atracção que exercia sobre as mulheres — pois decididamente havia muito de atraente no seu sorriso agradável, nos olhos azul-claros que se tornavam um pouco salientes quando estava a pensar profundamente (e como era de espírito lento, isso acontecia mais vezes do que devia). Era bom conversador, com essa ligeiríssima ponta de hesitação ao falar, que é o melhor que têm os gagos e que dá um novo encanto à mais serôdia das frases. E, acima de tudo (vivendo ele num selecto mundo germânico), é importante acrescentar que o seu pai lhe tinha deixado uma fortuna solidamente investida; no entanto, os romances arranjavam maneira de se tornarem insípidos quando eram com ele.

Nos seus tempos de estudante teve uma entediante ligação de género cerimonioso com uma senhora mais velha, uma mulher triste que, mais tarde, durante a guerra, lhe mandava para a frente peúgas roxas, camisolas de lã que faziam comichão e enormes cartas apaixonadas, escritas a alta velocidade em papel pergaminho, com uma letra descontrolada e ilegível. Depois, seguiu-se um caso com a esposa de um Herr Professor que conheceu no Reno; era bonita, se vista de um certo ângulo e a uma certa luz, mas tão fria e reservada que depressa desistiu dela. Finalmente, em Berlim, mesmo antes do casamento, houve uma mulher magra e apagada, de rosto vulgar, que ia vê-lo todos os sábados à noite e tinha o costume de narrar todo o seu passado com pormenor, sempre a repetir as mesmas malditas